

Handwritten symbols and characters in white ink at the top of the page.



DE VAGAR





**Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao curso de Comu-  
nicção e Mltimedios da Pontifi-  
cia Universidade Cat3lica de S3o  
Paulo - PUC-SP, orientado por  
Profa. Dra. Ane Shyrlei de  
Araujo.**

**S3o Paulo  
2023**



**Banca Examinadora**

Francisco das Chagas Camelo

Patricia Kiss Spinati



sumário

---

08

EXPLICAÇÃO DE TERMOS E MODALIDADES

---

18

LINHA DO TEMPO DA PIXAÇÃO

---

24

ENTREVISTA GG LEARTE

---

28

ENTREVISTA FÁBIO VIEIRA

---

32

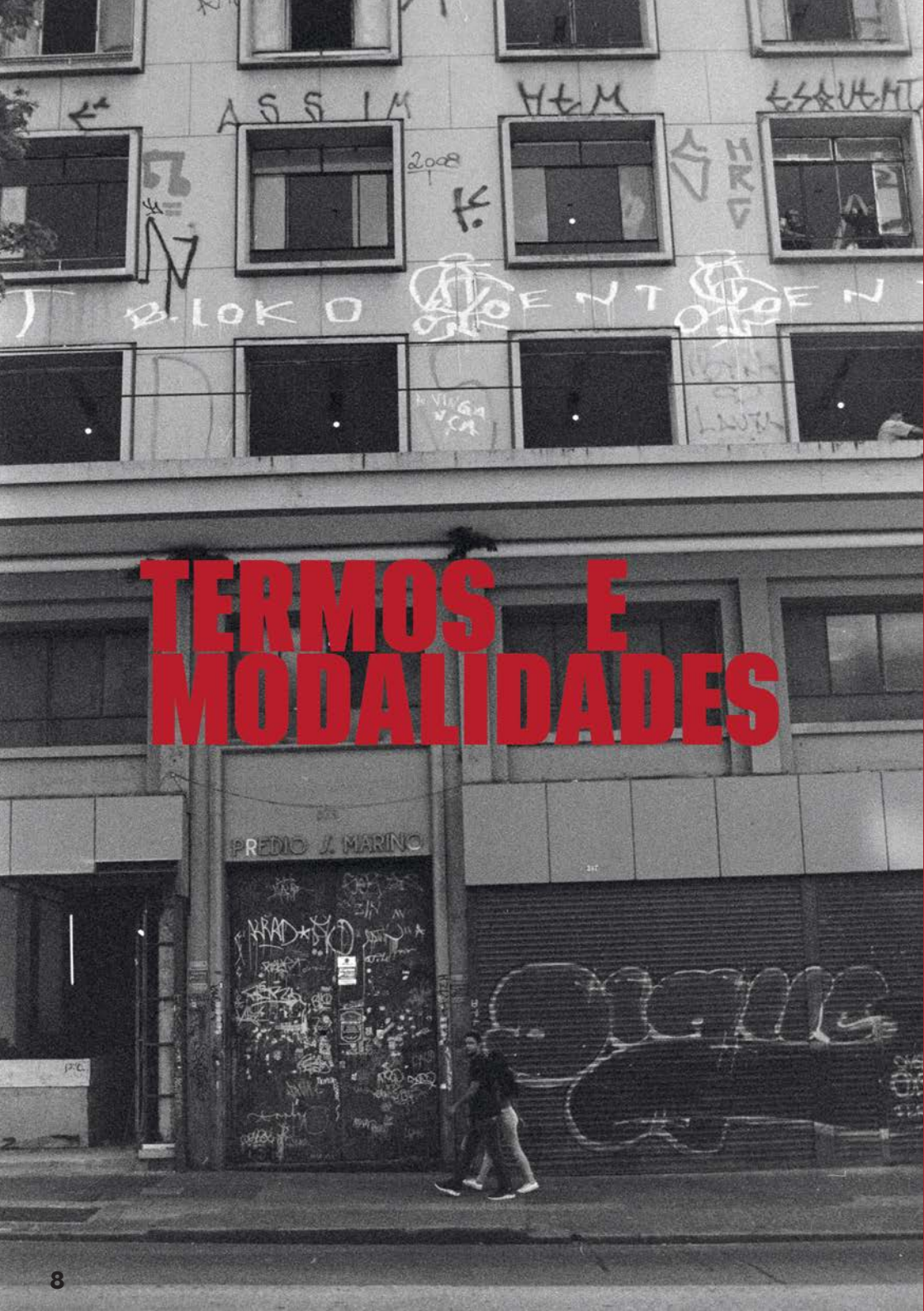
REPÚBLICA  
mapa - cartão postal

---

34

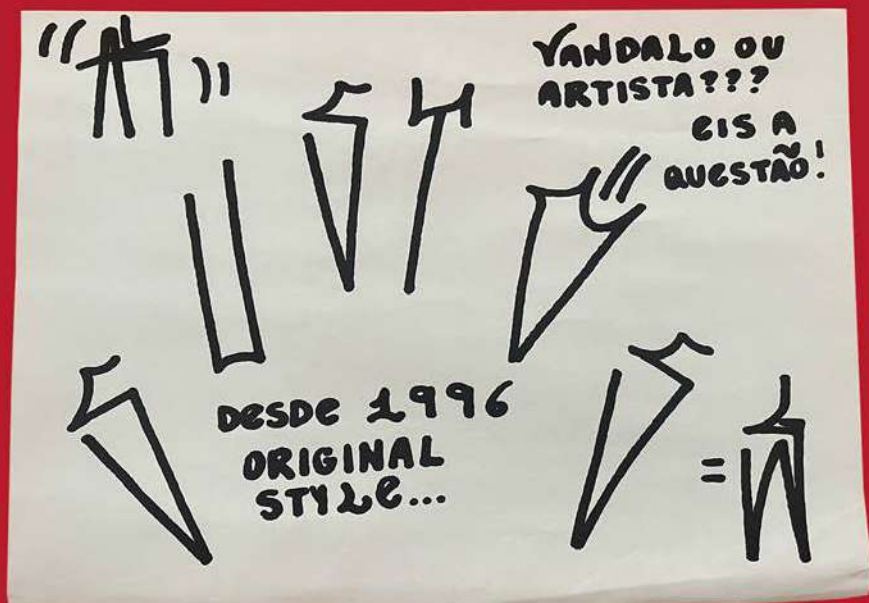
MINHOÇÃO  
mapa - cartão postal





# TERMOS E MODALIDADES

PREDIO J. MARINO



## FOLHINHA

É como um autógrafo. Normalmente, é feito no papel o que se escreve nos muros. Uma folhinha é trocada nos points, podendo ter a assinatura de diferentes pixadores.

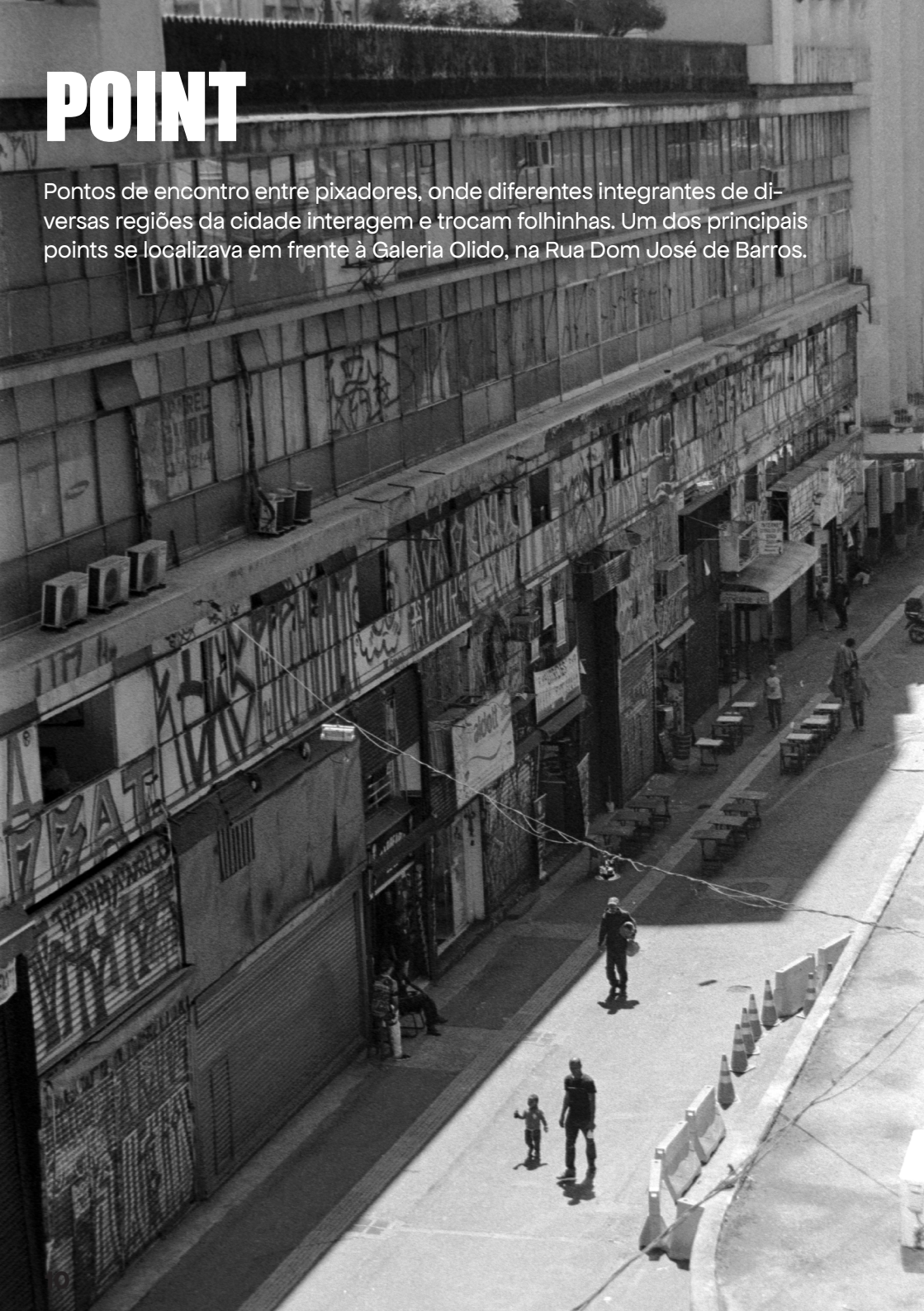
## TAG

Importada do graffiti, é uma assinatura estilizada. A maioria remete a letras cursivas, diferente do pixo, que as letras são escritas em maiúsculo e são mais espaçadas.



# POINT

Pontos de encontro entre pixadores, onde diferentes integrantes de diversas regiões da cidade interagem e trocam folhinhas. Um dos principais points se localizava em frente à Galeria Olido, na Rua Dom José de Barros.

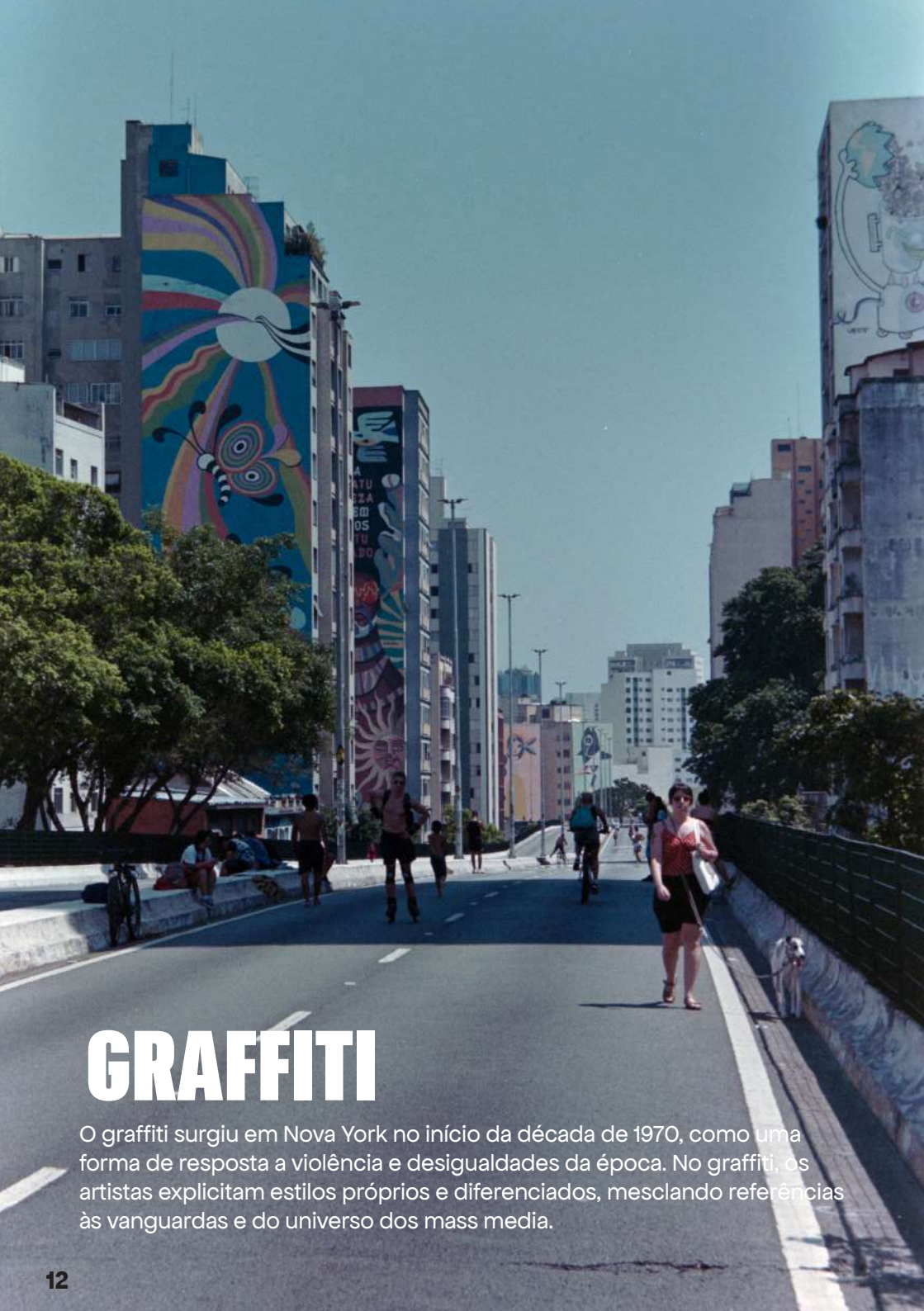




grife Os + Im  
(os mais imundos)

# GRIFE

A grife é uma espécie de etiqueta, um acessório que valoriza o pixo. Trata-se de uma modalidade de aliança de grupos de pixadores, por isso não se pixa seu nome por extenso, mas o seu símbolo ao lado da pixação principal. Uma grife congrega diversos grupos de pixadores com diferentes alcunhas. Geralmente é procedido pelo artigo “Os” ou pela palavra “União”. Fazer parte de uma, possibilita expandir as relações de troca pela cidade, constituindo, assim, uma rede de grupos de pixadores.



# GRAFFITI

O graffiti surgiu em Nova York no início da década de 1970, como uma forma de resposta a violência e desigualdades da época. No graffiti, os artistas explicitam estilos próprios e diferenciados, mesclando referências às vanguardas e do universo dos mass media.



# PIXAÇÃO

O movimento da pixação começou na década de 1980 em São Paulo. A tipografia da pixação é reta e pontuda, formada de ângulos agudos e poucas curvas. Assim como o graffiti, a principal característica da pixação é o fator da transgressão.

# CHÃO

Em uma época ainda sem categorias definidas, foi a primeira modalidade de pixação a surgir, no início dos anos 1980. Ela desempenhou um papel significativo na expansão da pixação em São Paulo.

Nesse estilo, os pixadores aplicam suas marcas na altura dos olhos daqueles que transitam, com variações acima ou abaixo desse nível. Essas intervenções são feitas em locais acessíveis, alcançados sem a necessidade de ferramentas ou recursos adicionais, o que a torna relativamente mais segura em relação às outras modalidades. O tamanho das letras depende do espaço disponível.

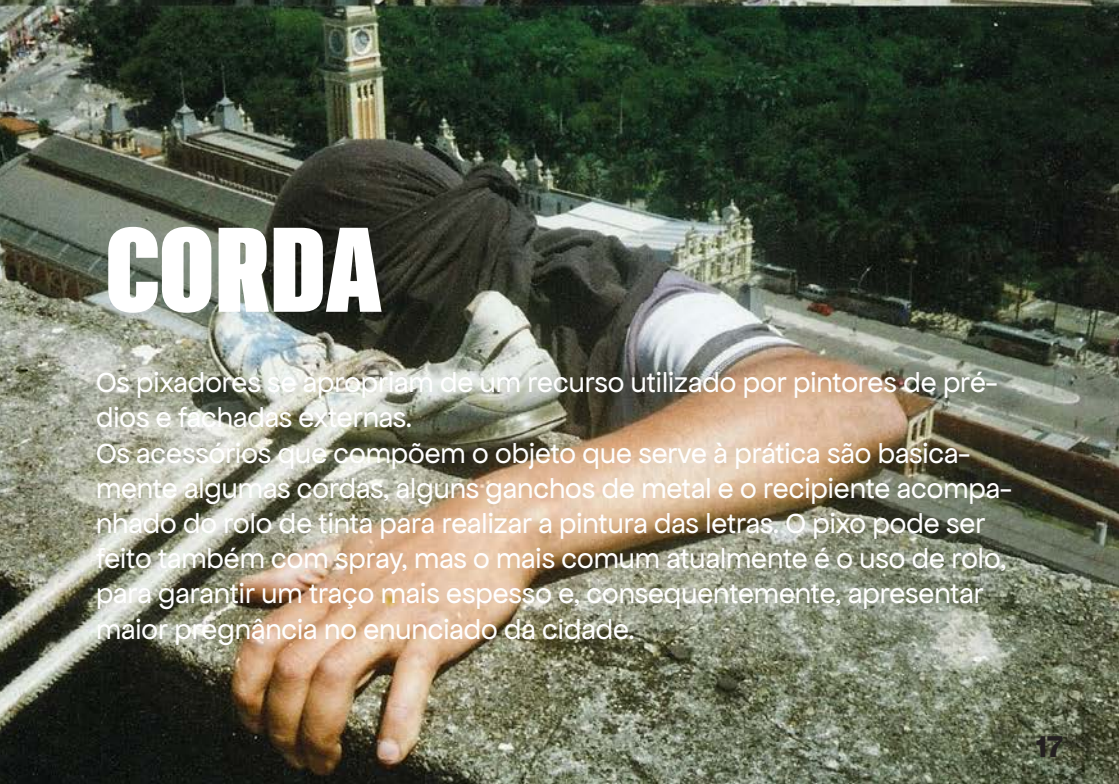


# PRÉDIO

A modalidade prédio é a escalada, na qual os pixadores sobem pelas fachadas dos edifícios, por cabos dos para-raios ou pelas próprias escadas internas, buscando atingir alturas cada vez maiores. São nesses momentos, que eles realizam suas pixações arriscadas, dependurados ou se esticando para alcançarem partes mais altas das assinaturas. Alguns utilizam recursos como os rolos de tinta para auxiliar no processo.

# JEGUERÊ

É uma variação da modalidade de pixação no chão e surgiu como uma estratégia para alcançar áreas mais altas em muros e paredes. Além disso, passou a ser usada como recurso para pular muros ou subir marquises de prédios, facilitando a prática do pixo em locais elevados. Esta modalidade é quando um dos pixadores sustenta o outro em seus ombros, enquanto o que está elevado realiza a inscrição na parede, dependendo diretamente da habilidade e condição física dos envolvidos.



# CORDA

Os pixadores se apropriam de um recurso utilizado por pintores de prédios e fachadas externas.

Os acessórios que compõem o objeto que serve à prática são basicamente algumas cordas, alguns ganchos de metal e o recipiente acompanhado do rolo de tinta para realizar a pintura das letras. O pixo pode ser feito também com spray, mas o mais comum atualmente é o uso de rolo, para garantir um traço mais espesso e, conseqüentemente, apresentar maior pregnância no enunciado da cidade.



# O TEMPO



# 1960

## TRENS DE NOVA YORK

O bairro do Bronx, na periferia da cidade, ganhou traços e cores à medida que crescia um sentimento de inquietação com as desigualdades e violências contra sua população marginalizada. Os trens, assinados com uma grafia inédita, logo se tornaram ícones desse novo movimento, que se espalhariá pelas ruas de Nova York com grande fôlego nos próximos anos.

## DITADURA MILITAR NO BRASIL

No Brasil, as primeiras pixações surgiram na época da ditadura militar, no final dos anos 60, como forma de protesto político. O “Abaixo a ditadura” foi o primeiro registro de pixação no Brasil.

# 1970

Famosas pixações começam a surgir: “cão fila Km 26”, “Deus esteve aqui”, “quem pixa o rabo espicha”. Sem caráter de protesto e também sem a estética que é conhecida atualmente, apenas uma marca de passagem.

1989

No final dos anos 80, surge a modalidade da escalada: quanto mais alta se encontrar a pixação, maior o reconhecimento e prestígio. Os nomes que se destacam são Di, Thenthó e Xuim.

## PRIMEIROS POINTS

A Ladeira da Memória foi um dos primeiros points do centro de São Paulo e antecedeu o famoso Point da Vergueiro.

1982

Juneca, Bilão e Pessoaíha foram os que deram início ao movimento.

1980

Em 1980, com o movimento punk, a pixação se transforma no que é conhecido hoje em dia. A criação estética dessa tipografia foi influenciada pela cultura do punk rock e heavy metal.

1990

## GESTÃO ERUNDINA

Em São Paulo, a origem da diferenciação entre graffiti e pixação começou com a gestão da prefeita Luíza Erundina. Com Marilena Chauí, como secretária de cultura, foi criado o Projeto Cidade, Cidadão, Cidadania que dialogava com artistas de rua e permitiu a libertação de áreas livres para obras de grafiteiros.

2008

## INVASÃO DE EXPOSIÇÕES DO CENTRO UNIVERSITÁRIO BELAS ARTES E BIENAL DE SP

Em 2008, houve a invasão de uma exposição que ocorria no Centro Universitário Belas Artes. Meses depois, vários pixadores que participaram dessa, também invadiram e pixaram as paredes vazias do segundo andar da 28ª Bienal de São Paulo.

2020

O pixador GG Sustos participa da instalação que compõe a exposição principal do Museu da Língua Portuguesa, mostrando ao público o ato de pixar.

2016

Durante a campanha política de João Dória, foi anunciado o programa Cidade Linda, no qual uma das principais pautas era o combate e apagamento de pixações e graffitis dos muros da cidade.

2012

Cripta Djan e Rafael Pixobomb, além de outros pixadores que participaram das invasões de 2008, são convidados para participar da Bienal de Berlim de 2012.



# GG SUSTOS

pixador e artista

GG é um dos principais nomes da arte urbana de São Paulo, começou a pixar em 1995, com apenas 12 anos, e continua até os dias atuais. Já fez colaborações com nomes como a NOTTHESAMO e Starter e está participando da exposição de reabertura do Museu da Língua Portuguesa.

O que é pixação para você?

**A pixação para mim é, primeiramente, uma forma de libertação. Porque quando você, como indivíduo, pega uma lata de spray ou um rolo de tinta e sai pela cidade manifestando o que está interno para o externo, para as pessoas verem, a liberdade que te dá, não tem preço. Então, a liberdade de expressão, o sentimento de amor que você tem por aquilo, porque assim, para fazer isso, primeiro é caro, né? Para quem faz uma vez no mês, é uma coisa, para quem faz várias vezes na semana, é outra. Você acaba, de alguma forma, pelo menos para um grupo de pessoas ali, a ser notado.**

**Então também tem esse lance da invisibilidade da população, porque geralmente o pixador é um jovem de periferia que não tem nenhuma forma de entretenimento no bairro onde mora. Sei lá, às vezes tem um campinho de terra no bairro e olhe lá. Ou igreja, um ponto de tráfico, um bar... Muitas vezes o pixador começa exatamente por essa insatisfação de não ter nada. Então, ele busca em algo uma forma de libertação, sabe. Então, pra mim são todos esses fatores envolvidos e, com o tempo, você também vai descobrindo a cidade. Tem o lance de você conhecer a cidade, de você criar interações novas. E é por aí.**

## **“OS GRANDES MESTRES, A GRANDE CULTURA URBANA QUE A POPULAÇÃO CONSUME, VEIO DAS PERIFERIAS.”**

Quais seus locais preferidos para pixar?

**Geralmente o pixador tem modalidades, né? No meu caso, eu gosto de andar mais nas quebradas, os bairros mais distantes, mais escondidos e descobrir coisas novas. Por exemplo, eu morava em Parelheiros e fui pra Perus, que era um bairro que eu nunca tinha pisado. Quando eu fui lá, tinha, sei lá, dois caras locais que tinham feito rolê e mais três de bairros distantes. Eu saí de Parelheiros com a cara e**

**coragem, cheguei lá, só tinha desses caras, sabe? Então, isso pra mim era tipo achar um baú de ouro. Porque quando você faz em lugares que outras pessoas vão acabar chegando lá, é meio que abrir um caminho, e aí todos que vão chegando vão ver que você já passou por lá. Isso é uma forma de criar um respeito entre pixadores. Dá um grande respeito, porque você foi em lugares que ninguém pisou antes, sabe?**

**“MINHA MISSÃO É  
AQUELA MÚSICA DO  
RACIONAIS : “EU TE-  
NHO MINHA MISSÃO E  
NÃO VOU PARAR. MEU  
ESTILO É PESADO E  
FAZ TREMER O CHÃO.  
MINHAS LETRAS VALE  
UM TIRO E EU TENHO  
MUITA MUNIÇÃO”.**

Sua relação com a cidade mudou depois de começar a pixar?

**Com certeza. Eu comecei a olhar a cidade 100% diferente depois que eu comecei a pixar, porque antes disso, São Paulo era o bairro onde eu morava, era aquele espaço onde eu circulava. Para mim, aquilo ali era São Paulo. Quando eu comecei a andar no centro, eu comecei a descobrir culturas novas que tinham a ver com coisas que a periferia consumia. Você vai andando na cidade, vai descobrindo culturas e olhares diferentes, arquitetura diferente. Então muda totalmente sua relação. Até lidar com pessoas. Isso também te agrega muito como ser humano, o seu olhar. Às vezes você está passando em uma avenida que você vê um carro maravilhoso do ano, blindado e tal e, ao mesmo tempo, você vê um morador de rua abrindo um saco de lixo. Então, você começa a enxergar esse tipo de relação que a cidade tem, isso abre sua mente de uma forma que você começa a olhar a humanidade de forma diferente. Você começa a se enxergar, onde é seu lugar de fala e onde eles te limitam.**

O que você percebe de comportamento e receptividade dos cidadãos em relação ao pixo?

**Em relação às pessoas, da população e pixação, é muito louco, porque eu, que já estive em instituição privada, começo a fazer minhas primeiras letras e aí a pessoa olha assim e fala: “Pô, mas isso daí não é pixação?”. Teve esse exemplo, eu estava num lugar privado, o prédio da Spotify. Eu fui convidado para fazer um trabalho lá dentro. Aí eu comecei a fazer as primeiras letras, um funcionário passou, ficou olhando e falou: “Mas isso aí não é pixação, mano?” Aí eu olhei assim, eu vi que era um cara que era leigo e é uma pessoa igual a mim, né, mano? Uma pessoa simples, muitas vezes não teve acesso à cultura. E aí ele me perguntou: “Pô, você trabalha aqui?”, eu falei: “Não, mas esse trabalho aqui, quando você chegar amanhã, você vai enten-**

**der melhor”. Eu tinha feito 2 linhas só. Quando ele chegou no dia seguinte, eu tinha praticamente terminado, e aí ele falou “Pô, seu trabalho é bonito”, e tal. Mas a princípio é muito isso, quando você aproxima a pessoa para o seu mundo e você explica a sua verdade, tem pessoas que vão aceitar e tem pessoas que não. Mas geralmente tem uma discussão muito grande sobre isso: o que é aceitável, o que não é aceitável. Só que a arte é para incomodar, causar indigestão, entendeu? Não é para agradar todo mundo, a ideia não é agradar todo mundo, né? Vou bem clichê, nem Jesus agradou todo mundo, imagina quem sou eu pra agradar todo mundo? Quem é o pixador pra agradar todos, certo? Ele tá ali pra reivindicar o espaço dele, ele quer**

o espaço dele na cidade, ele não tá pedindo licença pra ser ele, só quer ser ele sem pedir licença. É basicamente isso. A ideia é também causar discussão, causar um pensamento. Quando você escreve uma frase “Marielle presente”, quando você escreve “3,20 não”, isso aí gera uma discussão. Ali a pessoa está reivindicando.

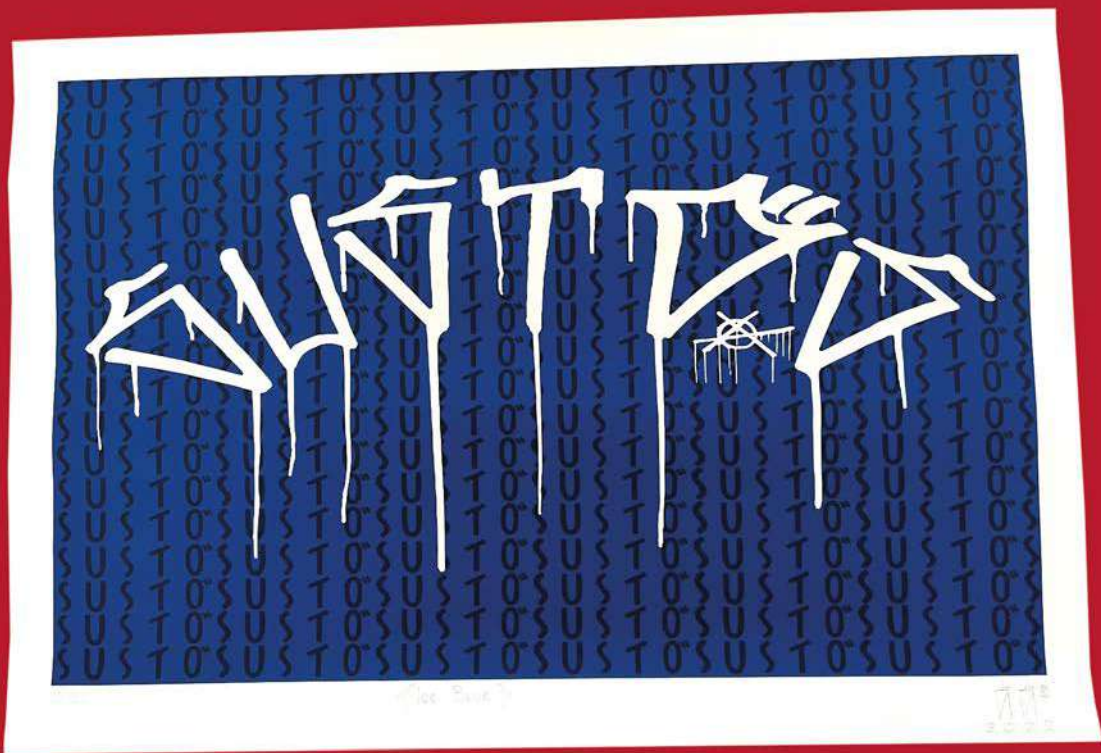
A pixação começou com o cunho político. Depois ela foi se transformando, mas a pixação por si é uma reivindicação desde sempre. Só que as pessoas não aceitam isso quando passa a incomodá-las, quando o assunto não as convém. Então, nada agrada todo mundo. É meio que por esse ponto de vista que eu vejo.

Como foi o processo do pixo nas ruas para exposição em galerias de arte?

Para mim a transição das ruas para galeria de arte foi como se eu estivesse ocupando um novo lugar, um novo espaço, como se fosse mais um muro. Para mim foi basicamente isso. Eu não vi como “Nossa, uma instituição que vai ter pessoas do poder aquisitivo x, de cor de pele x.” Eu falei “Pô, aquela parede ali eu posso ocupar, mas eu posso ocupar aquela parede é com obra de arte, então vou fazer uma obra de arte como se eu tivesse fazendo um pixo na rua. Vou fazer um puta trampo foda e vou ocupar como se eu tivesse invadindo, sabe?” Que nem sempre foi, só que invadindo com elegância, com capa de luva de pelica, né? Um exemplo é o Museu da Língua Portuguesa que eu estou com um projeto de longa duração, desde a reabertura que eu estou com um projeto lá de 106m. Tipo assim, isso só não é utopia porque eu realizei, mas, pô, você está no projeto principal do Museu da Língua Portuguesa, fazendo pixação. Isso era inimigável até sei

lá, 8 anos atrás, quando eu comecei a fazer trabalhos com arte. Agora, há 2 anos, eu fiz o projeto da reabertura do do Studio SP, que é do ex-secretário de cultura de São Paulo, o Ale Youssef. Esse trabalho foi assinado pelo Studio Cama, que fez toda a parte de design. Eu trouxe uma premiação inédita, sabe? Com parte visual fazendo tipografias que vieram do DNA da pixação. Eu cheguei com um rolinho, uma tinta lá e ganhamos o nacional em categorias, ganhamos tipo, sei lá, em 3 categorias. Então essa transição foi muito natural, só que, ao mesmo tempo, eu dei meu sangue como se eu tivesse pixando o prédio. Quando eu faço um trabalho de arte, eu dou minha alma na parada, eu entrego o meu melhor, então acho que isso faz a diferença. Desde a minha caminhada nas ruas até minha caminhada no meio artístico, no caso, né? Que pra mim ainda é difícil ser chamado de artista, mas é assim que eles denominam, né? Então eu sou artista.

“CRESCER MUITO ESSA CULTURA, ENTÃO ESTÁ MUITO MAIS ACEITÁVEL. MAS SE EU FALAR PARA VOCÊ QUE É TODO MUNDO QUE ACEITA, QUE ACHA BONITO, AÍ EU VOU ESTAR MENTINDO. É RESISTÊNCIA, SEMPRE VAI SER RESISTÊNCIA.”



GG Learte  
“Ice Blue”

Impressão com tinta vegetal.  
São Paulo, 2022.



# FÁBIO VIEIRA

pixador e fotógrafo

Fábio Vieira, fotógrafo e pixador, retrata o cotidiano do movimento da pixação desde seus 17 anos. Criou o FotoRua, onde comercializa fotografias para grandes agências brasileiras. Também já participou de exposições em cidades como Amsterdam, Berlim e Montevidéu.

O que é pixação para você?

**A pixação pra mim... Eu acho que o primeiro lugar é o protesto, né? Ela vem em forma de protesto e de querer ocupar espaços, ela nasceu na periferia. É uma forma da gente ser visto, por isso que tem muito pixador que vai pro centro. Para ser visto, né? Para chamar atenção mesmo. E é a forma também da gente ocupar os espaços. Eu acho que é uma arte bem válida, só que é uma arte bem desentendida,**

**cada um pensa de um jeito, cada pixador faz por algum motivo. Respeito todos e, para mim, a motivação de pixar vem de tudo, da onde eu nasci, da onde eu vim. Então assim, eu comecei na escola pública sem nenhum recurso, abandonada, quebrada. Então acho que veio desde essa época, de não ter lazer, de morar num lugar onde não tem nada, não tem uma praça, não tem um lugar pra você brincar.**

Como começou sua carreira como fotógrafo de pixo? Como você se interessou e qual foi sua motivação inicial?

**Na época eu estava pixando bastante e me interessou. Logo depois que eu comprei a câmera. Eu decidi fazer o registro da pixação, acompanhar junto, né? E eu acho que o interesse foi, até por eu ser pixador mesmo, de ter poucos registros. Então eu comecei a acompanhar. Nisso já estou desde 2011 acompanhando e fazendo registros da pixação.**

**“SÃO POUCOS QUE FAZEM A FOTO DA PIXAÇÃO. EU AINDA TÔ RESISTINDO E VOU CONTINUAR. VOU CONTINUAR ATÉ NÃO SEI QUANDO.”**

Quais são os desafios de fotografar pixações em ambientes urbanos?

**É muito complicado, porque a maioria dos lugares são à noite, né. Que é onde vão pixar. Então é pouca luz, às vezes você tem que subir em algum lugar pra imagem não ficar muito longe, às vezes tem que ficar escondido, eu já fiquei debaixo de carro. Então, meu, tem diversas situações, você pode**

**perder seu equipamento, você pode ser preso. E outra, se a polícia pega, já tem a prova do crime, entendeu? O que é o registro? O próprio registro. Então, na minha opinião, é uma das fotografias mais difíceis de fazer. Não tem muito o que falar, também por toda essa situação urbana da noite.**

**Não só à noite, porque a maioria das vezes é na madrugada, entendeu? Às vezes estou sozinho, às vezes eu estou com alguém, mas eu prefiro ficar sozinho para não chamar muita atenção e conseguir fazer o registro. Vou contar uma experiência que eu fui fotografar um amigo meu, ali na Castelo Branco. E aí eu acho que essa foi uma das mais loucuras. Assim, foi uma das filmagens mais louca que eu fiz, porque era uma torre, né? Uma torre gigante na marginal, dava para ver de longe e eu tive que atravessar a pista e ficar dentro de um bueiro, onde passava uns ratos, tinha barata e assim eu me arrisquei. Eu fiquei ali meio enrolado num plástico para não ter contato,**

**só que era o único lugar onde eu poderia me esconder, não tinha um outro lugar e nisso, começou a chover. Como começou a chover, eu fiquei gravando deitado com o guarda-chuva e consegui fazer os registros na chuva. De repente, a água começou a abarcar, descer do bueiro e eu tive que levantar, quase que a água me leva, quase que eu vou junto pro rio, entendeu? Então assim, a gente também se arrisca até pra além de pixar, a gente se arrisca também pra fotografar, porque eu já corri vários riscos, já perdi uma lente, pô. Tenho várias histórias, mas eu vou compartilhar só essa que eu acho bem interessante.**

Quais são seus projetos futuros relacionados a fotografia de pixo?

**No momento eu estou começando a contar as histórias dos pixadores, então eu vou começar a contar de pixadores e ex-pixadores, com suas histórias fortes. Entrar mais no íntimo e não mostrar só a ação, né? Esse projeto**

**eu tenho desde 2012 e agora eu estou começando a fazer. E, futuramente, quero fazer um livro com todo esse tipo de registro e para preservar todo esse material que eu tenho.**

Foi possível sentir diferença na relação entre pessoas, cidade e pixação com as diferentes gestões da cidade de São Paulo? Por exemplo em 2008 com a lei da Cidade Limpa e “programa antipichação” da gestão Serra-Kassab ou em 2017 com a ação da Cidade Linda de João Dória.

**Bom, sempre teve essas diferenças entre os governos sobre a pixação, mas sempre foi mal vista, né? Por todos. Não adianta entrar partido, não tem essa. Sempre serão contra a pixação. Não tem nenhum político que apoie a pixação, pelo menos que eu conheça, não. Então, assim, já mudou bastante. Eu acho que na época do Dória foi falado bastante, mas é mais pra ganhar. Na verdade, ele usou isso muito pra se eleger, inclusive foi uma**

**uma das estratégias dele, e deu muito certo porque ele ganhou. A pixação é muito usada como cunho político por alguns alguns políticos, né? Como a maioria, na real. E você pode até procurar aí, não tem político que fale bem da pixação, é muito raro. Então é uma luta diária. É lógico que tem gestão aí que é um pouco mais liberal com isso, né? Eu acho que hoje em dia mudou também, tem muito prédio sendo pintado para realizar grafite. Eu vejo que**

às vezes tem umas conversas assim, que eu não acho certo, entendeu? Eles estão pintando muito prédio e passando em cima de pixação. Eu sou totalmente contra, não apoio nenhum

de projeto que pinta prédio para fazer grafite e apaga a pixação. Então é isso, né? Eu acho que toda gestão tem uma coisa que é bem contra a pixação. São poucos os que apoiam.

**“ENQUANTO A CIDADE FOR MUDANDO, O PIXO TAMBÉM VAI MUDANDO.”**





@fabiovieirafotorua  
@spixo

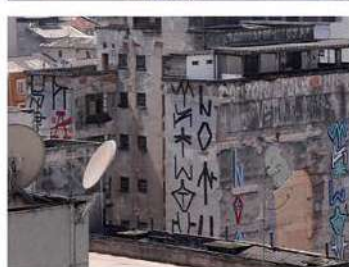


**REPÚBLICA**



**MINHOÇÃO**







**primeira edição da risco zine**

**projeto gráfico por brenda mie e mariana saty**

**logo por flávio maia**

**impressão por tacatinta mini gráfica**

**em papel pólen**

**em dezembro de 2023, são paulo**

